



# Mevlana Rumi

2007

Instituto Nokhooja





## INSTITUTO NOKHOOJA

O Instituto Nokhooja tem como proposta dar continuidade à tradição conhecida por Filosofia Perene, cujo corpo de conhecimentos e práticas visa o desenvolvimento harmonioso do ser humano em todas as suas expressões e dimensões. As escolas ligadas a esta tradição buscam manter viva a essência do caminho de desenvolvimento, de forma integrada e completa, livres de contextos religiosos, culturais ou dogmáticos que caracterizam as propostas mais institucionalizadas ou grupos criados a partir de aspectos parciais do conhecimento ou visões pessoais do processo.

Uma das últimas formulações que surgiu a partir desta Tradição foi denominada de Quarto Caminho e apresentada por George I. Gurdjieff em meados do século passado. Este modelo propôs a integração de três linhas ou caminhos básicos de conhecimento, que implicam nas dimensões acima citadas: respectivamente, o caminho do faquir (ênfase no corpo), o caminho do monge (ênfase na emoção), e o caminho do iogue (ênfase no intelecto).

Mas, diferentemente das escolas clássicas de Quarto Caminho, nosso foco não está em conservar e transmitir o produto da escola de Gurdjieff, e sim sua proposta, que foi buscar, coletar, sintetizar e transmitir conhecimento de forma que este esteja sempre evoluindo, conforme o próprio curso da história humana.

Para tanto nos propomos pesquisar e testar as raízes do conhecimento humano nas tradições que foram coletadas e preservadas no passado, e avaliar, a partir do momento presente, as tendências para os próximos estágios da evolução humana. Não podemos, portanto, prescindir das conquistas modernas e contemporâneas e de buscar integrar as mais diversas linhas de conhecimento, seja religioso, científico, filosófico e artístico num corpo de conhecimento o mais completo possível.

Assim objetivamos integrar diversas linhas: as arcaicas e mágicas através de um xamanismo contextualizado em nosso espaço-tempo; as míticas e místicas através da identificação do elo fundamental entre as tradições judaica, cristã e sufi-islâmica; as meditativas e contemplativas através de suas dimensões mais esotéricas; e as científicas através, principalmente, de psicologias de vanguarda, como os circuitos cerebrais de Timothy Leary e a psicologia transpessoal de Ken Wilber. Outro expoente da busca por elementos universais é Mevlana Rumi, que nos tem servido de modelo em termos de sua visão profunda do fenômeno humano e de sua atitude de despojamento e liberdade em abraçar todas as culturas e crenças de sua época, respeitando o ser humano em si, em detrimento de qualquer outro rótulo colocado pela sociedade.

Assim, desde a fundação do Instituto, buscamos identificar e valorizar os pontos de contato e as verdades transculturais que tornam possível o desenvolvimento do ser humano, não importa a sua origem e formação. Buscamos atingir o que há de real nas diversas fontes de conhecimento que estiveram presentes nas várias culturas ao longo da história da humanidade. No entanto, não nos prendemos aos aspectos externos que as tradições assumiram ao longo de sua história, tais como dogmas, rituais, etc. Para nós o que conta é a experiência fundamental que cabe a cada ser humano atingir, inserido no momento presente, e em harmonia com seu contexto cultural e social. Essa experiência consiste na realização plena da própria existência, e na descoberta de núcleos essenciais que definem o papel do ser humano e lhe dão um propósito.

### MEVLANA JALALUDIN RUMI

Grande pensador e filósofo místico turco, Mevlana ('Nosso Senhor') Jalaludin Rumi nasceu em Balk, cidade situada no Korasan, atual Afeganistão. A data do seu nascimento foi objeto de várias contestações, estando situada entre 1201 e 1203, sendo que o místico estudioso do século 14, Aflaki, ao se referir a Rumi, no seu 'Manibul al-Arifin', informa que Rumi nasceu na data de '6 Rebi'ul evvel 604', o que nos daria a data compreendida entre 25 e 30 de Setembro de 1207. Entretanto, pesquisas recentes feitas com novos materiais descobertos parecem indicar que Rumi teria nascido vários anos antes, mais provavelmente no ano de 1187.

O pai de Rumi, Bahaudin Veled, filho de Hussein Hatibi, pertencia a uma família de grandes pensadores na época e era conhecido como o Sultão dos Eruditos 'Sultan-ul Ulema' em função das ciências que dominava e a profundidade com que as discutia. Ele oferecia cursos e palestras para todos os interessados, seja nas escolas (madradas), seja em reuniões públicas nas dependências das mesquitas, o que o tornou bastante conhecido e apreciado. A mãe de Rumi, Mumine Hatun, 'Dama Hatun', era filha de Rukhnetin Emir, de Balk. De acordo com algumas fontes relacionadas com a origem dos dervixes giratórios, principalmente Aflaki e Sipehsalar, ocorreu uma divergência de idéias entre Sultan Bahaudin Veled e outros eruditos da cidade, entre eles Fakhredin Razi, que mantinham uma postura a favor do pensamento grego. Estes estudiosos conseguiram chegar até ao governador



de Balk dizendo: 'Baha Veled atraiu para si toda a população da cidade. Ele não nos respeita e nos despreza. Tememos que ele algum dia venha a reclamar o trono para si mesmo. A população o apóia e, debaixo dessas condições, seria melhor ficar prudente'.

O pai de Rumi, depois de todas essas calúnias, enviou a seguinte mensagem para o governador da cidade:

'Meus cumprimentos ao Sultão Islâmico. Os povos mortais deste mundo, soldados, tesouros e tronos são para os reis. Nós somos dervixes e não temos necessidade de países ou de soberanias. Continuaremos nossa viagem com a alma serena e deixaremos o Sultão com as suas gentes e os que lhe são próximos'.

Foi justamente nessa época que os exércitos mongóis começaram a se aproximar das fronteiras de Balk, devastando, pilhando e matando sem piedade nas pequenas vilas e cidades ao seu redor. As notícias desses acontecimentos haviam se espalhado por todo o Korasan e as populações, em desespero, começaram a emigrar para o oeste, em direção ao Irã, Iraque e Anatólia, que naquela época era conhecida como 'Dyiar-i Rum' – O País Grego. Movido, em parte pela hostilidade do governador da região, e também pelas notícias das atrocidades que estavam ocorrendo, Bahaudin Veled finalmente decidiu emigrar também. Todos os rogos e súplicas para que reconsiderasse a decisão foram em vão e, numa segunda-feira, ele juntou todos os seus livros e objetos mais importantes e montou uma pequena caravana. Ele então encetou viagem na companhia de seu filho mais novo, Jalaluddin, que naquela época já era um jovem, Mohamed Alaedin, sua mulher e alguns dos seus discípulos.

A pequena caravana seguiu até a cidade de Nishapur, onde foram recebidos por Faridudin Attar, que já havia tido notícias das qualidades intelectuais do jovem Jalaludin. Ao se despedirem, Attar deu de presente para Jalaludin uma cópia do seu livro 'Esrar-Name' que viria a influenciar grandemente o poeta na sua obra futura. Ao presenciar a saída da caravana, diz-se que Attar, ao contemplar Bahaudin Veled de mãos dadas com Jalaludin comentou: 'Que maravilhoso é ver um rio transportando um oceano pelas mãos!'.

A caravana chegou a Bagdá, no Iraque e, na entrada do Palácio, os guardas reais os detiveram e perguntaram de onde vinham e para onde iam. O pai de Rumi respondeu nestes termos: 'Nós viemos de Deus e a Deus retornamos. Ninguém, senão o próprio Deus nos pode impedir de seguirmos essa rota. Nós abandonamos o país da não localidade para nos encaminharmos para a não localidade.'

Os guardas do rei ficaram confusos com essa resposta e a relataram para ele, no palácio. Um dos conselheiros do Califa de Bagdá, ao ouvir a resposta replicou: 'Apenas Bahaudin de Balk seria capaz de dar semelhante resposta' e saiu, juntamente com o Califa ao seu encontro. O Califa convidou Bahaudin para residir no seu palácio, o que Bahaudin recusou, respondendo: 'A escola é um local mais apropriado para um professor' e se dirigiu para a Madrasa de Bagdá onde ali se alojou.

Sua chegada despertou muito interesse e logo Bahaudin foi convidado para dar sermões nas mesquitas da cidade e acabou criando um mal estar ao criticar o comportamento corrupto dos políticos e do próprio Califa. Num sermão famoso, dito na sexta feira, ele comentou a iminência da destruição da cidade de Balk pelos mongóis, justamente no momento em que a cidade estava sendo passada a ferro e fogo pelos mesmos. E comentou ainda que a própria Bagdá iria sofrer destino semelhante, o que de fato aconteceu logo após.

Bahaudin não permaneceu muito tempo em Bagdá e logo tomou a rota para Kufa, para poder realizar a peregrinação a Meca e depois para a cidade de Medina. Em seguida dirigiu-se para Jerusalém e Damasco na Síria. No final ele declara: 'Deus nos ordenou a adotar como nossa pátria as terras da Anatólia. Ali ficaremos na cidade de Konia. Essa cidade nos atrai para ela'.

Tendo assim decidido, a caravana se dirigiu para Alepo e depois para Malatya, já na Anatólia, não permanecendo muito tempo em nenhum destes lugares. Depois, seguiu em direção a Erzican, Sivas, Nigde e Karaman (Larende). Fixaram residência em Larende por 7 anos, ao redor de 1221, e o governador, Emir Musa Bey, mandou construir uma grande escola em nome de Bahaudin que ali se alojou com a sua família. Jalaludin havia se desenvolvido física e intelectualmente e freqüentava as aulas que seu pai oferecia na escola, aprendendo sem cessar.

Nessa mesma cidade, Jalaludin iria conhecer e desposar a filha de Shefaredin Lala, Gevher Hatun, que havia emigrado de Balk juntamente com Bahaudin e que havia se tornado um discípulo de Jalaludin. Logo depois deste casamento, a mãe de Jalaludin, Mumine Hatun, assim como seu irmão mais jovem, Mohamed Alaedin faleceram. No decorrer de sua permanência em Karaman, nasceu o primeiro filho de Jalaludin, Alaedin Chelebi.

Neste período, a cidade de Konia havia se tornado um grande centro cultural, atraindo todos os tipos de estudiosos e místicos assim como dervixes de diferentes ordens Sufi graças ao



pensamento liberal do Sultão Alaedin Keykubad I, que ascendeu ao trono em 1219. A cidade que já era a capital do estado Selêucida, acabou se transformando num grande centro repleto de obras de arte, museus, escolas assim como o foco de um grande número de seitas e grupos espirituais que difundiam idéias místicas com grande facilidade, o que acabou atraindo a aristocracia para essas idéias.

Neste período, nomes como Mecmedin Daye, Muhidin Ibn-Arabi, Sadredin Konevi eram muito respeitados e estudados em Konia.

Assim que soube que Bahaudin havia tomado residência em Larende, Keykubad o convidou para ir até Konia. Na primavera de 1228, Bahaudin Veled chega a Konia, onde iria ficar em definitivo, e se alojou na escola de Altun-Aba (Ipliçi), onde passou a dar os seus cursos e os seus sermões. Será neste local que ele irá completar a sua obra em três volumes intitulada 'Maarif' (Sabedoria). Ele faleceu em 12 de Janeiro de 1231 e está enterrado no Mausoléu Mevlana em Konia.

Jalaludin havia também se alojado na escola juntamente com a sua própria família. Depois da morte do pai, ele passou a ocupar o seu lugar dentro da escola, onde seus discípulos e alunos o haviam elegido como o único capaz de dar seguimento à obra de seu pai, tamanho era o reconhecimento que Jalaludin já havia angariado ao seu redor. Jalaludin compreendeu então que estava completamente só.

Foi dentro dessa perspectiva que Jalaludin recebeu a notícia da chegada de um antigo discípulo de seu pai em Balk, Seyd Burhanedin, também chamado de Thirmidi (da cidade de Tirmi), que havia permanecido no Afeganistão na época da invasão mongol, refugiando-se nas montanhas. Recebendo a notícia da morte de Bahaudin, ele decidiu procurar Jalaludin para se encarregar do término da sua educação.

Assim, Jalaludin continuou os seus estudos por mais nove anos, sob a orientação de Thirmidi. Viajou até Alepo e Damasco onde permaneceu por dois anos, e depois retornou a Konia. Foi em Damasco que aconteceu um evento estranho que teria repercussões por toda a vida de Jalaludin.

Certo dia ele estava andando distraidamente pelo mercado da cidade de Damasco, onde se encontravam todos os tipos de pessoas, oriundas dos quatro cantos do mundo, falando linguagens diferentes e vestindo roupas estranhas. No meio dessa multidão de viajantes, mercadores e dervixes, um homem se aproximou de Jalaludin e o segurou pelo braço, que se voltou espantando para encará-lo. Era um completo estranho para ele.

O homem tomou a mão de Jalaludin e a beijou com reverência e disse:

'Oh, assessor do mundo, compreenda-me', disse ele, e desapareceu no meio da multidão.

Jalaludin tentou alcançar o homem, mas ele havia desaparecido. Mas tarde, ele reencontraria este mesmo homem, que se tornaria seu maior murshid, ou guia espiritual, Shams de Tabriz.

Um dia, Thirmidi disse para Jalaludin: 'Você recebeu uma instrução sólida, meu filho. Você se tornou num leão incomparável nas ciências do espírito, da transmissão, do intelecto e da imaginação. Agora é tempo de você voltar para o meio dos homens para revivificar as suas almas com a chuva de uma ciência viva, incomparável na sua riqueza. Assim transmita o impulso de uma vida devotada à ciência e o seu amor para todos os mortais do mundo.' Depois de ter dito essas palavras, Thirmidi deixa Jalaludin e vai morar em Kaiseri, onde viria a morrer alguns anos depois. Ao saber da sua morte, Jalaludin, profundamente entristecido, realizou uma visita até sua tumba, recolheu os livros do seu antigo mestre e retornou a Konia.

Novamente solitário, Jalaludin havia se desenvolvido em diferentes áreas compreendidas pelas ciências naturais, assim como pelo direito divino, interpretação, ciência religiosa das parábolas, do discurso, tendo também estudado a literatura persa e árabe. Ele aprendeu grego e havia lido as obras dos filósofos gregos. Da mesma maneira havia se aproximado das principais obras do misticismo. Assim ele era amplamente respeitado em todos os círculos de estudiosos e religiosos em geral.

Em Konia, naquele tempo havia um vasto círculo científico. Nesta cidade haviam se reunido estudiosos e pensadores famosos, como Shemsedin Mardini, Kadi Seracatin Urmevi, Kudbedin Chirazi, Sadredin Konevi e Faredin Sivasi. O círculo de amigos de Jalaludin assim se alargou grandemente. Ele era reconhecido como um ilustre professor que oferecia cursos nas escolas, um célebre orador que encantava a população com seus sermões, assim como um doutor da lei que decidia as questões jurídicas para a população (Mufti).

Os sermões de Jalaludin foram reunidos numa grande obra intitulada 'Mecalis-i Seb'a' (Inspirações Mequenses) compreendendo sete grandes capítulos e que prenuncia o estilo que o Masnavi viria a apresentar de forma mais amadurecida.

Nesta época, a esposa de Jalaludin, Gevhar Hatum morreu ainda jovem. Dela ele tivera dois filhos, Alaedin Chelebi e Sultan Veled que já eram rapazes. Jalaludin desposa então Kerra Hatum, da



qual teve uma filha, Melike, e um filho, Muzaferudin Emil Laim Chelebi. Teve também um filho adotivo que faleceu ainda jovem.

No dia 25 de Novembro de 1244, quando retornava para casa, depois de dar aulas na escola, Jalaludin sentiu que duas mãos se apoderavam das rédeas da mula que montava e percebeu um homem que lhe fez as seguintes perguntas:

‘Você é Mohamed Jalaludin, o filho do Sultan’ul-ulemá de Balk?’

‘Sim’.

‘Tenho uma pergunta para lhe fazer. Poderia me dizer quem é o maior homem: o Senhor Maomé ou Bayazit-i Bistami?’

Jalaludin ficou espantando com essa pergunta inesperada, feita no meio da rua, rodeado de uma multidão de pessoas que observaram o que estava acontecendo. Pelo sentido profundo da pergunta ele percebeu que aquele homem não era para ser levado com superficialidade e assim respondeu:

‘Que tipo de pergunta é essa? Sem dúvida, o Senhor Maomé é o maior dos dois...’

A expressão do homem suavizou-se e um traço de um sorriso esboçou-se em seus lábios. Então ele continuou a perguntar.

‘Mas o Senhor Maomé disse: “Deus! Eu vos glorifico, não mereço vos conhecer”; enquanto que Bayazit-i Bistami disse: “Eu glorifico a mim mesmo, a minha reputação é grande porque não existe nenhum ser a não ser Deus em cada partícula do meu corpo”. Como você explica isso?’

Jalaludin havia percebido o rumo da questão e respondeu prontamente:

‘O Senhor Maomé falou essas palavras porque a cada dia ele progredia muitos estágios adiante, e a cada dia ele alcançava um novo nível de compreensão. Assim, ele pediu perdão a Deus pelo seu conhecimento e erros prévios. O Profeta, devido a sua permanência na contemplação a Deus, purificou-se de tudo o mais, em todas as suas manifestações, sem permanecer sequer em um só estágio no julgamento. Mas Bistami foi dominado no seu primeiro estágio e, intoxicado por essa aquisição, não foi adiante.’

Cambaleando diante do peso e profundidade da resposta de Jalaludin, o homem caiu ao chão, chorando. Jalaludin desceu da montaria e, abraçando o dervixe o ergueu, nele reconhecendo o mesmo homem que havia encontrado em Damasco anos antes.

Foi como o encontro de dois oceanos. Quando o dervixe recuperou os sentidos, eles se abraçaram como se fossem amigos de longa data e Jalaludin o conduziu pelo braço para a escola.

As pessoas e estudantes que viram tudo ficaram espantados, e não podiam compreender o que havia acontecido. Apenas, observaram o dois se afastando.

De acordo com as fontes Mevlevi, Mohamed Shemsedin Tabrizi, filho de Melikdâd Ali, havia sido discípulo de Abukebir Sele âf de Tabriz em sua tenra idade, depois ficou sob a orientação de diversos xeiques que não o haviam satisfeito na sua busca pelo conhecimento espiritual. Assim, ele vagou por diversos países e finalmente se fixou em Konia, onde veio a encontrar Jalaludin e, pelas respostas que este deu às suas perguntas, percebeu que havia encontrado aquele que seria o seu companheiro de buscas místicas tão longamente ansiado.

Os dois começaram a passar a maior parte do tempo juntos, pois depois deste encontro, Jalaludin havia percebido na figura de Shems um estudioso ilustre, e nele encontrado a presença do ‘Mutlak Kemal’ – A Perfeição Divina. Jalaludin abandonou os livros, o estudo e seus discípulos para mergulhar na presença de Shems. As referências indicam que foi Shems de Tabriz que introduziu Rumi nas técnicas do Giro, e conferiu-lhe os significados e mistérios. Por isso, nesta época, sua madrassa começou a transbordar das cerimônias de Zikr acompanhados de música, giro e poesia.

No entanto, com o passar do tempo, a intensidade da relação nascida do encontro de Jalaludin e Shams, levou Rumi a negligenciar os seus deveres para com seus estudantes e com a população em geral, nas suas orações, sermões e orientações que oferecia.

Isso gerou uma onda de ressentimento entre os alunos e amigos de Jalaludin dirigida contra Shems: ‘Que tipo de autoridade este desconhecido tem sobre nosso mestre? Por que ele o afastou de nós? De onde ele veio?’

Outros ainda diziam:

‘Este dervixe, Shems, nos roubou nosso mestre, que ele agora conduz consigo para um outro mundo. Quem é esse Shems? Por que ele privou nosso Xeique dos seus alunos e dos seus livros? Teria ele talvez algum poder ou encanto magnético sobre ele que o fez se separar da nossa presença?’



Estes comentários começaram a aumentar até que se tornaram perigosos. Shems partiu subitamente em meados de Fevereiro de 1246. Da mesma forma que ninguém havia testemunhado a sua chegada em Konia, ninguém testemunhou a sua partida da cidade.

O desaparecimento súbito de Shems entristeceu Jalaludin enormemente. Ele passou a ficar irritado com as pessoas a sua volta. Trancava-se em seus aposentos, evocando sem cessar os momentos em que havia passado na companhia de Shems. Escrevia ininterruptamente odes fervorosas dentro dessa atmosfera de nostalgia, que foram depois reunidas em livros.

Seu filho, Sultan Veled, movido pela dor sentida por seu pai, começou a buscar por notícias de Shems e, alguns anos depois, soube que ele estava em Damasco. Jalaludin lhe escreveu uma carta convidando-o a retornar para Konia, mas não obteve resposta. Seguiram a segunda, e a terceira cartas. Finalmente Sultan Veled levou pessoalmente a quarta carta e se dirigiu para Damasco na companhia de vinte discípulos.

Sultan Veled não demorou a encontrar Shems em Damasco e lhe entregou a carta de Jalaludin e, depois de ter explicado tudo que havia acontecido, este lhe declarou que eles deveriam voltar juntos para Konia. Alguns dias mais tarde, Sultan Veled, tendo oferecido o seu cavalo a Shems, marchou com ele segurando as rédeas. É assim que eles fazem o caminho de volta de Damasco a Konia.

No dia 8 de Maio de 1247, Jalaludin recebeu Shems nas cercanias de Konia e retornaram juntos para a escola.

A escola agora estava cercada de silêncio. Jalaludin havia decidido preservar a figura de Shems dos outros alunos e cidadãos e mantê-lo a seu lado. Ele o faz casar com a sua filha adotiva, Kimya e reserva um local da sua escola para sua família.

Depois deste casamento, aqueles que haviam se oposto a Shems, uniram-se a Alaedin Chelebi, filho mais jovem de Jalaludin e o ataque recomeçou. A morte de Kimya Hatum ainda muito jovem encorajou os maledicentes que diziam, 'A menina morreu por causa de Shems. Aquela mulher não podia resistir àquele homem.'

Foram feitos planos para destruir Shems e o separar de Jalaludin. Finalmente, na noite de 5 de Dezembro de 1247 Shems foi assassinado. Durante muito tempo a verdade foi escondida de Jalaludin e lhe foi dito que: 'Shems partiu e logo estará de volta'.

Jalaludin não acreditou nestes consolos vazios. Ele passou a utilizar um turbante acinzentado e a utilizar uma toga ou manto claro. Perdia-se em meditações e pensamentos místicos. Viajou várias vezes a Damasco para tentar encontrar Shems. Certas pessoas lhe diziam ter encontrado Shems em tal e tal local e Jalaludin, contente de receber pelo menos essas notícias dava tudo o que tinha para a pessoa. Quando lhe disseram que essas notícias provavelmente eram falsas, ele respondeu: 'Presenteei o meu turbante e toga para aquele que me deu aquela notícia. Se me tivesse dito uma notícia verdadeira, ter-lhe-ia dado a minha própria alma'.

E os dias foram se passando, tristes, anuviados pela ausência de Shems.

Num dia quente e luminoso, à tarde, quando o calor do dia havia cedido lugar para o frescor do início da noite, Jalaludin estava andando pelo mercado de Konia. Enquanto passava pela multidão, de cabeça baixa e mãos enfiadas nas mangas de sua roupa, as pessoas se levantavam e davam lugar à sua passagem, para cumprimentá-lo.

Vagando sem rumo, ele acabou indo para a rua dos joalheiros. Então, aos seus ouvidos chegou o ritmo dos martelos batendo sobre as bigornas, enquanto os trabalhadores transformavam o ouro em folhas finas como papel. A harmonia dos martelos batendo produzia uma música tão divina que o seu doce som imperceptivelmente transformou o sofrimento de Jalaludin em alegria. Ele parou para escutar. Ante aos seus olhos, a ordem do universo se descortinou. Os planetas e satélites ao redor do sol, giravam em amor divino, êxtase e intoxicação mística, atraídos pela ação irresistível do sol. Ele ergueu a sua mão direita para agarrar a gola do seu manto. Seus olhos se fecharam em êxtase, sua cabeça, em humildade, pendeu para o ombro direito.

O som dos martelos havia se tornado o som do seu coração, vibrando em doce harmonia com todo o universo. Ele fez o primeiro giro com o pé direito e lentamente começou a girar. E girou e girou no meio da rua... e dançou ao som dos martelos, à medida que a sua tristeza cedia lugar à alegria. Todos estavam olhando espantados, formando um círculo ao redor de Jalaludin, incapazes de compreender este estado tão súbito de expansão. O dono da loja, Selahadin percebendo que Jalaludin estava dançando o 'samâ' ao som dos martelos, exultou e instou os seus aprendizes:

'Não parem! Não temam desperdiçar as folhas de ouro! Continuem batendo, mais depressa!'

O próprio Selahadin, incapaz de se conter correu até a rua e começou a dançar o samâ junto com Jalaludin,



Depois de algum tempo, os braços dos trabalhadores que estavam martelando as bigornas começaram a cansar e lentamente o ritmo começou a diminuir. Lentamente Jalaludin retomou os sentidos e viu Selahadin à sua frente. Era como se um velho amigo tivesse retornado para ele, e então ele o abraçou. Naquele momento Selahadin nada via senão Jalaludin, tamanho o seu transporte místico.

Então Selahadin gritou para as pessoas que estavam olhando com espanto e disse:

‘O que estão olhando? Os seus olhares sempre estão em busca de ouro, por que não estão brigando uns contra os outros para pegar o que puderem da minha loja? A minha loja está cheia de folhas de ouro. Tudo é de vocês, não tenho mais utilidade para o ouro, pois encontrei a mina do verdadeiro ouro.’

Enquanto as pessoas se encarregavam em pilhar a loja, Selahadin inclinou a sua cabeça defronte a Jalaludin e disse:

‘Não tenho necessidade de nada senão da sua orientação e perfeição. Leve-me para onde quiser.’

Selahadin foi junto com Jalaludin para a escola e tornou-se um dos discípulos mais íntimos deste, que veio a ser conhecido como ‘Zerkubi’ (O Batedor de Ouro). Selahadin era um joalheiro que havia nascido na aldeia de Kamil, próxima a Beychehir e havia fixado negócio em Konia para poder estudar com o Xeique Seyd Burhanedin, antes do seu encontro com Jalaludin.

Rumi fez com que seu filho Sultan Veled viesse a se casar com a filha de Selahadin, Fatma, consolidando assim a amizade através de um casamento.

Assim se passaram vários dias dentro de uma atmosfera plena de amor divino. Neste período, Jalaludin escreveu suas odes sob o nome de ‘Shemsedin’, ou ‘Xeique Shemsedin’.

Depois de dez anos na presença de Jalaludin, Selahadin abandonou o mundo, no ano de 1258 e foi enterrado ao lado da tumba do pai de Rumi. Seu papel foi ocupado por Chelebi Husamedin.

Husamedin era filho de Ahi-Turk, descendente de Ebul-Vefa-I-Kurdiye, um Sufi famoso em Bagdá e cuja família havia emigrado para a Anatólia. Seu pai, Ahi-Turk era o chefe de uma poderosa fraternidade Sufi da região e ficou órfão em tenra idade, sendo mantido pela fraternidade. Desde cedo Husamedin sentia simpatia por Jalaludin e realizou vários cursos na sua escola, assim como participou das cerimônias que ali aconteciam. Foi educado segundo os preceitos de Rumi, Shems e Selahadin e tornou-se o sucessor de Selahadin depois da sua morte.

Husamedin também foi professor em algumas escolas de Konia, possuía uma sólida educação e acabou por se tornar o chefe da fraternidade fundada pelo seu avô. Ao ingressar na companhia de Jalaludin ele transferiu todos os bens da ordem e os colocou à disposição do Rumi, para distribuição entre os dervixes. Em retribuição, Jalaludin entregou a Chelebi tudo o que possuía, para distribuição, somente aceitando uma moeda de pequeno valor deste.

A amizade entre os dois se equiparou as anteriores de forma que Husamedin aos poucos foi ingressando na intimidade mística de Rumi e atuou no processo de amadurecimento das capacidades deste. Diz-se que Rumi era uma lâmpada a espera de ser acesa, Shems foi aquele que ateou fogo nela, Selaheddin cuidou dela para que crescesse e se desenvolvesse e Husamedin foi aquele que permitiu que essa chama incendiasse o mundo.

Um dia, em passeio pelos vinhedos de Mearam, Rumi estava recitando poesias. Quando parou, Husamedin começou a descrever uma idéia a Rumi.

‘Meu Sultão, você compôs muitos poemas na forma gazel, o teu Divân tornou-se grande. Se viesse a escrever um livro semelhante ao Ilahi-Name de Hakin Sanai ou o Mantik’ut-Tayrî de Faridudin Attar, este seu trabalho iria ser o companheiro de todos os menestréis, eles encheriam seus corações com o seu trabalho e comporiam música para as suas palavras.’

Rumi sorriu com essas palavras. Das dobras do seu turbante ele removeu um pedaço de papel e o deu para Husamedin. Neste papel estavam as primeiras 18 estrofes do futuro Masnavi.

‘Leia-o!’ Instruiu a Husamedin e ele leu as primeiras linhas:

‘Escuta a flauta de junco, como os seus lamentos...’

À medida que lia, Husamedin ficava mais emocionado; chorando, ele terminou o décimo oitavo verso de abertura do Masnavi e então se aproximou e beijou as mãos de Rumi.

‘Meu Mevlana, meu Sultão incomparável! Eu imploro, que haja uma seqüência nestes versos, que eles continuem ao infinito, deixe volumes serem preenchidos.’

Mevlana respondeu:

‘Se você consentir em escrevê-los para mim, irei recitar’.

‘Sou o seu servo a partir deste momento. Estou pronto, de cabeça e alma’.



'Então escreva Husamedin, luz dos meus olhos,' e Husamedin, elevado com a luz do sol da verdade, escreveu:

'Oh filho, quebra as correntes e escapa,  
Não fiques tempo demais escravizado ao ouro...'

E assim nasceu o décimo nono verso. Ao ser completado, o Masnavi consistia de 6 volumes, contendo 25.618 versetos.

Mevlana possuía um impulso interno de explicar tudo que podia de maneira profunda e Husamedin tomava nota de tudo incansavelmente. Depois que tudo estava escrito, o material era lido defronte a Mevlana e eram novamente reescritos depois que Mevlana realizava as correções necessárias.

O Masnavi demorou vários anos para ser composto, com intervalos de alguns anos entre um volume e outro, e nesse intervalo Mevlana foi envelhecendo e ficando fragilizado pelo trabalho que assumia na educação dos jovens que o buscavam. O inverno de 1273 foi precoce e muito intenso, associado com terremotos e Mevlana tombou doente de uma doença incurável e que evoluiu durante quarenta dias.

Seu filho ficou do seu lado o tempo todo e na última noite, antes de morrer, Mevlana se dirigiu a seu filho pedindo que ele fosse repousar um pouco, pois estava se sentindo melhor. Ao sair do quarto de Rumi, a contragosto, ele o ouviu recitando:

'Vai, deita e descansa tua cabeça no travesseiro,  
Deixa-me, este alquebrado e aflito homem, que passa noites insones,  
Cada noite até o amanhecer vem enquanto tropeço entre as ondas do amor,  
Se quiseres, vem e me perdoa, ou então vai e me atormente...  
Fica longe de mim para que possas evitar a má fortuna  
Toma o caminho da segurança,  
Dominados pela tristeza, derramamos tais lágrimas  
Que centenas de moinhos d'água são movidos pela sua correnteza.  
Um ser de grande força está me levando embora  
Cujo coração é feito de mármore,  
A quem ninguém ousa perguntar o porquê ou o que mais,  
Ele não está preso pelo juramento da beleza ao sultão da beleza  
Oh amante de face pálida, seja paciente, mantenha tua fé,  
Não posso clamar por um remédio para este sofrimento.'

No dia seguinte, 17 de Dezembro de 1237, Rumi pareceu estar melhor e então ele recitou:

'Não sou um Sultão que abdica do seu trono e entra dentro do caixão,  
O comando que eu recebi me garante a vida eterna.'

No final da tarde do mesmo dia, Rumi recita ao morrer:

'Quando você recebe nosso espírito, a morte é mais doce que açúcar,  
Quando estamos contigo, a morte é mais doce que a mais doce das vidas.'

Era a hora das orações da noite quando a notícia da morte de Rumi se espalhou pela cidade e durante toda a noite a cidade chorou.

Mevlana, na trajetória de sua vida e obras tornou-se um símbolo da própria vida da cidade. Ele, que a havia preenchido de discípulos, histórias e significados, de certo modo a esvaziou com a sua morte. Para Rumi, sua morte representava a aquisição do estado místico último de união com o objeto de sua busca amorosa de toda a vida, assim, aquilo que era uma perda para aqueles que o respeitavam e amavam, era na realidade a comunhão, o 'casamento' íntimo que cada místico busca alcançar. É por isso que a data da morte de Rumi é comemorada todos os anos até os dias de hoje como sendo a data do seu casamento, a data da noite nupcial (seb-i arus).

Na manhã seguinte à morte de Rumi, os preparativos para o seu sepultamento envolveram toda a cidade que se fez representar sem estabelecer qualquer critério de diferenças entre seitas, religiões e grupos, que participaram fraternalmente das cerimônias. Foi então que a dimensão do trabalho de Rumi ficou evidente: sem estabelecer qualquer limite, ele havia sido o instrutor de judeus,



cristãos, zoroastras e muçulmanos igualmente, e todos eles choraram a sua perda lado a lado naquela manhã – todos eram fiéis, amantes e irmãos unidos naquele momento pela figura e obra de Mevlana.

A procissão de sepultamento seguia por várias ruas da cidade, porque Konia desejava dar seu último adeus ao seu ilustre filho e não foi senão ao cair da noite que o cortejo fúnebre se aproximou do local onde deveria ser feita a oração fúnebre. A oração do Namaz deveria ser pronunciada por Sadredin Konevi, que estava tão tomado de emoção que desmaiou, caindo ao solo. O padrao de Konevi havia sido Muhinudin Ibn'Arabi que, embora inicialmente discordasse de Rumi, acabou desenvolvendo por ele uma profunda admiração e amizade.

Assim, foi o Cadi Seracetin que acabou conduzindo as orações fúnebres da Oração do Namaz e Mevlana foi então enterrado no local onde se situa a tumba atual, ao lado de seu pai.

Depois da morte de Rumi, foi o seu discípulo mais querido, Husamedin que ficou no seu lugar e começou a administrar a fundação e construção do Mausoléu. Com a sua morte, foi Sultan Veled, filho de Rumi, que o sucedeu.

Homem ponderado e de espírito organizador, ele dá prosseguimento às reformas das idéias que Rumi havia iniciado e toma como centro a tumba Mevlevi. Ele escreveu um Divân, uma coleção e três Masnavis denominados 'Iptidaname', 'Rebebname' e 'Intihaname' e finalmente uma obra denominada de 'Maarif'.

Ele foi o responsável pelo surgimento da Ordem Mevlevi tal como é conhecida até os dias de hoje, participando da criação das cerimônias, rituais, e organização dos estudos.

Com sua morte, em 1312, seu filho Ulu Arif Chelebi o substituiu e se instalou a expansão dos dervixes giratórios por toda a Anatólia. Com a sua morte em 1320, seu irmão Chemsedin Emir Alim o substituiu até 1338, quando os filhos de Ulu Arif Chelebi são promovidos a Xeiques Mevlevis.

Pouco tempo após a morte de Rumi, a tradição Mevlevi se expandiu por toda a Anatólia, alcançando a Síria e o Iraque, posteriormente, alcançou o Egito e a África. Na época Otomana ela teve uma notável expansão com o surgimento de diversos conventos e escolas mevlevis espalhadas por todo o Império Otomano. O núcleo, entretanto, permaneceu em Konia, até a instalação da República Turca, em 1927, quando as ordens Sufis, principalmente as de origem Mevlevi foram proibidas de funcionar como grupos religiosos. Atualmente a sede mais importante do movimento Mevlevi como forma de prática místico-religiosa se situa na Síria, na cidade de Damasco.

A Escola de Konia atualmente é um Museu, onde se encontra a tumba de Rumi e foi inaugurado em 1926 com o nome de 'Museu de Obras Antigas de Konia', e foi restaurado e reorganizado em 1954 sob o nome de 'Museu Mevlana'.

No portal de entrada pode ser visto uma caligrafia entalhada na madeira escrita em língua persa, por Mula Abdurahman Cami em 1492:

'Kâtet'ül- ussak based in makam

Her ki naks amed inca sūd taman'

'Este lugar tornou-se local de peregrinação dos poetas dervixes,  
E aquele que aqui chegou incompleto, completou aqui a sua ciência.'

Acima deste entalhe em madeira, encontramos uma placa maior, contendo em caligrafia a frase:

Ya Hadrat Maulana' – 'Oh Presença de Mevlana!'

**Referências:** este texto foi adaptado de diversas obras, entre elas:

- Abdalbaki Golpinaii- Mevlana Celaleddin – Istanbul
- Annemarie Schimmel – The Triumphal Sun. A Study of the Works of Jelaleddin Rumi, London.
- A.R. Arberry, Discourses of Rumi, London.
- R.A. Nicholson, Selected Poems from the Diwan Shams-i Tabriz, Cambridge.
- Mehmet Onder, Mevlana and the Whirling Derwishes, Ankara.
- Eva Meyerovitch, Mystique et Poesie in Islam: Mevlana, Paris.
- Mehmet Onder, Mevlana Jelaleddin Rumi, Ankara.



## O GRANDE SUFISMO

O Sufismo tem sido reconhecido por muitos autores como um dos maiores representantes da espiritualidade e como uma importante fonte de conhecimentos e práticas do caminho místico.

Muito da proeminência que o Sufismo desfruta vem do fato dele conter elementos oriundos de outras tradições e ter dado continuidade a elas incorporando-as dentro de seu processo. Isto acabou por conferir-lhe um caráter mais universal, mesmo estando inserido dentro do contexto do mundo Islâmico. Assim, encontramos aspectos das tradições da antiga Pérsia, Egito, Grécia, entre outras, dentro de seus conhecimentos e práticas. E a partir destas influências, surgiram em seu desenvolvimento um novo corpo de teorias e técnicas que demonstram que o Sufismo foi, durante boa parte de sua história, uma tradição viva.

Seu objetivo básico é o de prover ao ser humano, um caminho real e bastante abrangente de crescimento e desenvolvimento de suas potencialidades, buscando conduzir o ser humano de volta à sua dimensão de perfeição, fim último de qualquer caminho místico verdadeiro.

O Sufismo, como expressão de tradições que o antecederam, teve papel importante não só na espiritualidade, mas também na transmissão de conhecimentos e desenvolvimento da cultura de vários povos. No Ocidente percebemos esta influência especialmente durante a Idade Média e Renascença e se estendeu tanto aos Cristãos, quanto Judeus e outras escolas esotéricas. Também influenciou o desenvolvimento da Filosofia, principalmente com a tradução e divulgação dos textos dos filósofos gregos e em todo o seu desenvolvimento posterior, nas Ciências como a medicina, a matemática, a astronomia entre outras, assim como nas Artes.

Uma das versões sobre o surgimento dos primeiros Sufis remonta aos indivíduos e grupos que começaram a surgir alguns anos após a morte do profeta Maomé, nome maior do Islã. Estes eram indivíduos que, com as turbulências causadas pelas disputas em relação às sucessões dos Califas, se retiraram para o deserto ou áreas de menor evidência para preservar e dar continuidade aos conhecimentos que receberam principalmente de Ali e de Abu Bakr, ambos companheiros mais próximos do Profeta. Segundo a tradição, Maomé teria confiado principalmente a eles, os aspectos mais esotéricos do conhecimento que possuía, ou seja, a dimensão mística ou espiritual de seu legado.

Em contato também com outras tradições, estes indivíduos foram os maiores responsáveis pelo desenvolvimento da dimensão mística do Islã, e aos poucos foram formando escolas e ganhando importância como os verdadeiros representantes da espiritualidade. Eles e seus discípulos começaram a ser conhecidos como Sufis, e a inserir suas escolas na comunidade, resgatando e ensinando o caminho místico da Verdade e da Unidade Divina, a exemplo do próprio Maomé. E isto não aconteceu através do ascetismo clássico de abandono e negação, mas pela verdadeira pobreza espiritual, onde é o coração que, imerso no Amor Divino, abandona o seu apego ao mundo para unir-se a Deus sem necessariamente ter de abandonar o mundo, ou afastar-se da sociedade em que vive. Afinal, não haveria sentido em ensinar a Unidade rejeitando uma parte da expressão do Absoluto. Como bem resumi um ditado Sufi: "O Sufi é aquele que está no mundo, mas não pertence a ele."

E por ter na busca pela Presença Divina seu maior propósito, e também por ter incorporado em suas práticas e conhecimentos elementos de outras tradições, é que o Sufismo acabou por adquirir este caráter mais universal. E por isso também, foi muitas vezes reconhecido como a essência das religiões e da espiritualidade. Prova disso é que no círculo de discípulos ou mesmo de seus mestres, encontram-se indivíduos de diversas tradições.

Devido à perspectiva Perene de espiritualidade que o Sufismo sempre apresentou e seu caráter humanista e de busca pela transcendência, ele é reconhecido como expressão e continuidade de uma tradição ainda mais antiga, responsável pela preservação, manutenção e transmissão dos conhecimentos e práticas para os processos de desenvolvimento do homem e da própria humanidade.

Este é o Grande Trabalho, a tradição das Escolas de Sabedoria ou Mestres Ocultos, que já foi representado pela Escola de Sarmung, o qual é também chamado de Grande Sufismo, ou Sufismo Maior. Não como termo de comparação, mas por ser a essência dos caminhos e o núcleo da espiritualidade, que é eternamente única. Isto porque também representa uma perspectiva ainda mais universal, pois está livre de qualquer outro condicionante ou estrutura, seja ela, religiosa, social ou cultural. A esta tradição que também chamamos de Filosofia Perene.

O Sufismo, assim como outras Escolas, recolhe e preserva o conhecimento das diversas tradições esotéricas e das outras áreas do conhecimento humano, produzindo um novo conhecimento, mais dinâmico, amplo, completo, abrangente e adequado ao momento e contextos culturais, assumindo assim uma característica atemporal, o que o insere dentro do contexto da Filosofia Perene.



E é por isso que Sarmung, uma das últimas Escolas a cumprir este papel, tinha como símbolo a abelha, que recolhe a seiva de diversas flores, e que em sua colméia produz o mais puro mel, para, de tempos em tempos revitalizar e reorientar a Humanidade e o ser humano.

Por toda esta liberdade e complexidade apresentadas acima, o Sufismo foi muitas vezes atacado dentro do próprio mundo Islâmico como sendo uma heresia, mesmo tendo as escolas Sufis feito do Islã sua maior influência. Talvez, por isso, o Sufismo como é mais comumente apresentado, vem atualmente perdendo exatamente os elementos de liberdade e universalidade que tanto o caracterizaram, e muitas vezes, acaba por restringir-se exclusivamente à perspectiva Islâmica, que jamais negou ou deixou de proteger e mesmo reverenciar, mas também à qual nunca havia deixado se aprisionar ou mesmo limitar seu conhecimento, técnicas e esfera de influência.

Outro processo bastante triste é a vulgarização do Sufismo através do oportunismo de certos indivíduos, certamente sem uma conexão verdadeira com o processo, que surgem em função do destaque que ele recebeu nos últimos anos.

Esse padrão infelizmente vem atingindo não apenas o Sufismo. A degeneração e banalização da espiritualidade vêm se tornando um problema bastante sério. A enorme quantidade de informação, seja na forma de cursos, workshops, livros, cultos e tudo o mais disponível em assuntos espirituais hoje em dia é suficiente para colocar as pessoas em um grau bastante acentuado de confusão. Acrescenta-se a isso o fato da cultura não prover nenhuma capacidade de discriminação, onde elementos que poderiam servir de referência praticamente inexistem, o que torna bastante reduzida a capacidade das pessoas de fazer escolhas adequadas.

Muitas das religiões, filosofias e caminhos ditos esotéricos que existem à disposição hoje em dia, tiveram em sua origem uma Escola de Sabedoria, que se desenvolveu em algum momento da história e que deixou seu legado às gerações futuras. Porém, com o passar do tempo, geralmente a informação passa a ser disseminada sem a presença da Escola ou das pessoas que participaram e conhecem o processo. O que geralmente ocorre, com exceções honrosas, é a degradação do sentido original do processo que termina por assumir um caráter dogmático, restringindo o desenvolvimento pessoal ao invés de ampliá-lo e direcioná-lo a um caminho verdadeiramente libertador.

O conhecimento original é retraduzido e apresentado de uma forma pasteurizada, perdendo seu poder transformador, e acaba às vezes, por assumir valores mundanos e/ou culturais.

Muitas vezes ocorre a centralização ao redor de uma figura carismática ou de um guru que exerce o poder e domínio sobre os estudantes, impondo sobre eles as crenças e valores que geralmente, acabam por afirmar apenas seu próprio ego. Nesses casos, o desenvolvimento pleno da consciência é colocado aos estudantes como algo distante de ser atingido, mantendo-os presos a essa figura dominante. Nesses casos, o buscador nega a si mesmo ou agarra-se mecanicamente a opiniões e crenças, fortalecendo assim os aspectos de ser que deveriam estar sendo questionados. É seria um engano creditarmos culpa somente ao “guru”, pois são os indivíduos que infantilmente fantasiam sobre a espiritualidade e transferem a responsabilidade de seu desenvolvimento à uma figura externa. Isso quando não estão na realidade buscando uma afirmação pessoal ao pertencerem a algum “movimento”, ou grupo esotérico.

O objetivo não consiste em ter uma crença onde se apegar, mas sim, procurar desenvolver uma qualidade de viver e de ser de acordo com o nosso propósito, assim como todas as potencialidades que se encontram ocultas em nós pela infantilidade de nossas posturas. Não iremos compreender verdadeiramente o que é um caminho de desenvolvimento até que realmente busquemos desvendar o maravilhoso mistério que se encontra em nós mesmos e em toda criação. O conhecimento real não é simplesmente um conjunto de crenças ou dogmas, mas, de fato, ele é a essência daquilo que somos, da nossa própria trajetória, experiências e busca e reside no próprio significado de nossas vidas.

Empreender tal busca sozinho traz o risco de cairmos facilmente no engano. Uma escola genuína e um grupo de pessoas unidas por um objetivo comum torna-se importante. A escola fornece os meios para que o grupo possa, na prática, expor-se aos processos de desenvolvimento e tornem-se cúmplices das experiências para que juntos possam caminhar dentro de um propósito que supere as aspirações mais comuns da vida ordinária.

## O GIRO MEVLEVI

Temos pouca informação precisa sobre as origens do Giro Dervixe. É certo que expressões diversas e distintas daquelas desenvolvidas pelos Mevlevi estiveram presentes em outras tradições e grupos Sufis. Algumas delas aparecem de formas mais ritualísticas e outras com forte influência xamânica e na maioria das vezes, associada à fortes tradições musicais. Ainda hoje vemos estas últimas em grupos sufis de diversas regiões, principalmente no Magrib, onde estas ordens utilizam o



Giro e a música de forma mais selvagem, na busca pelo êxtase como forma de cura em rituais de forte influência xamânica. Em alguns desses grupos os Xeiques e mestres são as mulheres que conduzem as pessoas ao êxtase e transe para curar-lhes física, psicológica ou espiritualmente.

Mas a forma como o Giro foi desenvolvido e apresentado pelos Mevlevi é bastante distinta de todas as outras expressões. Sabemos que foi Shams de Tabriz, nascido na Pérsia, que introduziu Rumi nas técnicas do Giro, e conferiu-lhe os significados e mistérios. Sabemos também, que a cosmologia que os Sufis da Pérsia desenvolveram, a partir de influências Zoroastras, gregas e herméticas e do próprio conhecimento Sufi, foi central no desenvolvimento de sua filosofia, técnicas e práticas. Esta cosmologia nos descreve a criação do universo como emanção de Deus e a procissão das Esferas e o surgimento dos planetas como expressão da beleza e perfeição divina surgindo do ímpeto criativo expresso no imperativo primordial Kun, seja. Este é o verbo pelo qual Deus se torna manifesto através de sua criação. Mas como nos conta o Profeta Maomé, Deus disse: "Eu era um tesouro oculto, e amei ser conhecido. Por isso fiz a Criação". E deste amor e necessidade surge o verbo Kun, seja, mas também Irji, retorne! Esta é a origem do anseio e saudade da criação pelo Criador, é a força motriz que faz girar as esferas, os planetas, átomos e todo o universo, e este Giro é a expressão maior deste amor que penetra e permeia toda criação em sua busca por retornar ao amado, sua origem e destino último.

Esta é a dimensão maior do Giro Mevlevi conhecido como Sema e que, muito provavelmente, na época de Rumi era mais livre e espontâneo e ainda não havia sido formatado no ritual que a ordem desenvolveu e vem apresentando desde então. Mesmo porque, naquele tempo, as próprias escolas Sufis, em sua maioria, ainda não haviam sido estabelecidas como ordens distintas nomeadas segundo um mestre fundador. A Ordem Mevlevi recebeu esse nome, pois Rumi foi conhecido e chamado pelo nome de Mevlana, nosso mestre, mas os Mevlevi, e a liturgia dos Giros, só foram formalmente instituídos quando seu filho, Sultan Weled, que assumiu a ordem como Xeique após a morte de Husamuddin, sucessor de seu pai. Mas também sabemos que a ordem, além do ritual conhecido, preservou o que é chamado de Giro ou Sema oculto. Onde os dervixes se encontram às "portas fechadas" e onde o Giro está inserido dentro de uma cerimônia mais íntima.

Devemos conhecer a história de Rumi para compreendermos o impacto que o surgimento de Shams de Tabriz teve em sua vida e vislumbrarmos o porquê do Giro, música e poesia, terem se tornado elementos centrais na Ordem Mevlei.

Foi depois do desaparecimento de seu mestre que Rumi mergulhou completamente nestas artes. A música passou a ser uma companheira para ele, especialmente a música melancólica da flauta de junco (ney). Diz-se que uma vez, ao ser chamado para a oração da tarde, recusou-se a ir e continuou ouvindo os músicos, dizendo: "Isto também é a oração da tarde. Ambas se dirigem a Deus. Ele deseja uma delas exteriormente para Seu Serviço e a outra internamente para Seu Amor e Conhecimento". Era neste contexto e inspirado por tal estado que Rumi praticava a o Giro.

A cerimônia completa, ou Sema, pode apresentar algumas variações, mas tradicionalmente ela é feita por um grupo de dervixes que entram na sala com suas vestes brancas, simbolizando sua mortalha, e envoltos em um manto negro, simbolizando sua tumba, e têm na cabeça um chapéu característico, geralmente feito de pelo de carneiro, simbolizando sua lapide. Estas vestes declaram que o dervixe está "morto" para o mundo das aparências e do dualismo. O local do Xeique é o tapete vermelho, que representa as cores do céu de Konia no entardecer em que Rumi morreu. Se o Xeique não estiver presente, o tapete mesmo assim permanecerá estendido sobre o chão, representando sua presença.

Um cantor começa então a cantar versos em louvor ao Profeta Maomé, a seguir surge o som da flauta e então, mediante sinal do Xeique, os dervixes começam a caminhar lentamente, dando três voltas no local.

Ao final da terceira volta, o Xeique fica de pé sobre o seu tapete. Os dervixes retiram o manto negro e surge então, sua veste tradicional branca. Eles passam, um a um, diante do Xeique que beija a ponta do chapéu de cada dervixe como que autorizando-o a girar. Ao mesmo tempo, os dervixes cumprimentam-se dois a dois, se inclinado um na direção do outro.

O Giro então começa. Os dervixes estendem os braços abertos, a palma da mão direita para cima e a esquerda para baixo. A direita busca receber do alto as graças e a esquerda as distribui. Ao dervixe cabe o papel de intermediário, que se coloca a serviço e estabelece mais uma vez um canal onde as bênçãos possam ser derramadas e distribuídas. O coração daquele que gira fica no centro do movimento como que parado, como se tudo girasse ao seu redor. O coração, assim centrado no Amor e na repetição do Nome Divino, aquece as graças recebidas e as distribui repletas agora da paixão, saudade e desejo por transcendência, características do nível humano. O dervixe busca atingir um estado onde isto não mais seja feito como um indivíduo em busca de uma experiência de caráter



pessoal, mas sim, fundamentado em uma profunda compreensão amorosa em relação à toda a criação.

Os dervixes dão várias voltas em torno do centro. Como planetas ao redor do Sol eles celebram o desejo pela Luz e pela União. Neste momento, toda a criação está ali representada e participando desta comunhão.

Os dervixes param e recomeçam a girar por três vezes. A primeira seqüência representa o Giro em direção a Deus, onde o dervixe é consumido de saudade por sua presença. A segunda representa o Giro para Deus, onde o dervixe celebra sua presença e declara seu amor. A terceira e última seqüência representa o Giro em Deus, onde o dervixe mergulha em sua presença aniquilando-se em sua unidade. É neste último Giro que o Xeique ergue-se, girando muito lentamente numa linha que cruza o centro e se estende de leste a oeste. Ele não retira seu manto, simbolizando que nada mais resta dele, enquanto individualidade. Ele apenas puxa a gola do manto e deixa à vista a região do seu coração. Neste momento, o ritmo do Giro chega ao ápice.

Quando o Xeique volta ao seu lugar, os dervixes param de girar. Eles se ajoelham alinhados em dois grupos, com os ombros encostados uns nos outros. O cantor canta versos do Corão. Depois disso, são elevados os últimos louvores e a cerimônia termina.

Os significados são tão infinitos quanto às próprias expressões do amor divino quando tocam o espírito humano. Mas o Giro que Rumi e os Mevlevi nos apresentam não é uma dança, ou técnica de êxtase inconsciente, mas uma forma elevada de oração e adoração e não apenas um espetáculo artístico ou técnica corporal.

O Giro situa-se no centro do legado que foi deixado por Rumi e mostra ao ser humano o seu verdadeiro e glorioso destino, embriagando os corações e deixando-os sedentos da Presença do Amado. A cada passo ao redor de si, o dervixe busca seu coração e clama pelo único Nome que reside dentro dele e que é o foco de seu anseio. A cada passo ao redor do centro, ele busca aproximar-se do Senhor desse Nome, e com Ele compartilhar do êxtase sublime da intimidade. E isso é feito dentro da esfera do amor, onde o amante se dissolve e se confunde com o Amado e ambos tornam-se um.

A cerimônia do Giro foi ensinada a participantes do Instituto Nokhooja na Turquia, há quase vinte anos atrás. A permissão para que pudéssemos ensinar o Giro e a tradição, foi concedida pelo Xeique (já falecido), da Ordem que recebeu a responsabilidade de preservar a tradição Mevlevi a partir do momento em que os encontros das ordens Sufis foram proibidos, e seus participantes perseguidos, por Kemal Ataturk a partir da década de 30 do século XX. Atualmente a proibição permanece, mas não existem mais perseguições e o Sufismo já pode ser praticado com certa liberdade, desde que mantenham uma “aparência” mais folclórica, como manifestação cultural.

No entanto, no Instituto, o Giro Dervixe não é ensinado isoladamente, mas faz parte de um conjunto maior de conhecimentos e práticas e os participantes que desejam aprender são introduzidos nessa tradição em momentos específicos de sua trajetória pessoal. É uma tradição passada de forma íntima e pessoal, após anos de trabalho, exposição e incorporação de níveis e estados de ser dentro do contexto maior da Escola, como expressão de uma tradição que antecede o próprio Sufismo, e da qual ele é parte.

Na tradição do Quarto Caminho é dito que as Danças Sagradas (como é o caso do Giro) são formas muito sofisticadas de se contar uma história, só que a história contada por elas fala especificamente da condição do ser humano sobre a terra. Quando os expectadores presentes à cerimônia compartilham desse conhecimento, mesmo que intuitivamente, eles são transportados em direção aos cenários evocados que contam sobre os caminhos que cada ser criado percorre em seu retorno à Fonte que o gerou.

O Giro não é uma dança ou técnica, ou um meio de se atingir estados alterados de consciência, nem mesmo de atingir as dimensões que descrevemos. Ao contrário. Será somente após termos sido tocados pelas experiências que a percepção destas dimensões desperta em nosso ser, que seremos capazes de compreender o real significado dos Giros, e através dele, mergulharmos no infinito oceano da busca de Deus por Ele mesmo. Portanto, o Giro não é um método, mas a expressão deste anseio.

Além disso, precisamos ter sempre em mente, como disse o Grande Mestre Sufi Fariduddin Attar, que inspirou profundamente a poesia de Rumi: “Existem tantos caminhos a Deus como átomos no universo.” Por esta razão Rumi introduzia o Giro somente àqueles que possuíssem uma inclinação essencial a esta expressão e já estivessem maduros, ou ingressado de forma intensa e responsável nesta jornada, tendo recebido todo o treinamento prévio que os permitissem superar as fantasias e armadilhas do Ego. Pois se para alguns o Giro pode ser o caminho, para outros será a música, a contemplação ou as infinitas formas de expressão; e é papel do Mestre e da Escola discernir os caminhos de cada essência, e não satisfazer as fantasias de cada desejo.



Instituto Nokhooja

Por tudo o que foi dito acima, fica claro ser necessário um aprofundamento em vários níveis de conhecimento e técnicas antes do Giro ser aprendido e praticado. E mesmo que hoje em dia vejamos em algumas ordens na Turquia e outros locais, crianças aprendendo a girar pelo fato do Sufismo ser uma prática comum e incorporada desde a infância, ainda assim, é somente quando somos iniciados no momento correto, já possuindo os elementos fundamentais que o justificam, que seremos transformados e compreenderemos seus infinitos significados e sua real dimensão.

- x -

Em verdade, somos uma só alma, eu e tu.  
Aparecemos e nos ocultamos,  
Tu em mim, eu em ti.  
Aqui está o sentido profundo da minha relação contigo,  
Já não existe entre mim e ti,  
Nem mim, nem tu.  
Somos o espelho e o rosto ao mesmo tempo.  
Estamos ébrios do cálice eterno,  
Somos o bálsamo e a cura,  
Somos a água da juventude e aquele que a verte.

Quando o teu olho se tornou num olho para o meu coração,  
Meu coração cego se inundou nessa visão.  
Vi que eras o espelho universal para toda a eternidade:  
E eu disse: "No final, eu encontrei a mim mesmo:  
Em seus olhos conheci o caminho da luz".

*Jalaludin Rumi*